

OLHAR SENSÍVEL PARA UMA RESIDÊNCIA: SOBRE ESTÉTICA E A FORMAÇÃO DO GOSTO

Emanuelle Becker Basso¹
Maria Regina Johann²

Visando entender como a estética está inserida no meio cultural, realizou-se uma visita técnica em uma residência; esta atividade compõe a disciplina de Estética e Teoria da Arquitetura. Teve como objetivo observar os detalhes de uma residência de maneira que fosse possível compreender sobre como os moradores escolhem e organizam os objetos/móveis, definem e decoram suas casas, e questioná-los sobre as mudanças desejadas para a residência. A pesquisa parte de uma revisão bibliográfica, de modo a relacionar o material coletado na visita com a bibliografia estudada na disciplina, especialmente Kant (1970); Medeiros (2005) e Holanda (s/d). A visita foi realizada no apartamento de uma família, composta por cinco pessoas adultas.

Ao estudar estética, nota-se que desde os primórdios, a população busca embelezar a si mesmos e também as suas moradias. Parafraseando Frederico Holanda (s/d), a feitura do mais rudimentar objeto, a mais primitiva das comunidades buscava soluções que ultrapassassem a pura dimensão utilitária do artefato, no sentido de algo que satisfizesse expectativas do gosto contemplativo. Partindo do conceito de *Aisthesis*, significa a capacidade de sentir o mundo, compreendê-lo pelos sentidos, é o exercício das sensações, ou seja, não há conhecimento científico, que define o que é belo, e o que não é. Ainda, segundo Kant (1970), no momento do prazer não há conhecimento possível, contudo para apreciar mobilizamos a nossa bagagem/repertório. Ao realizar a visita, percebe-se facilmente que os moradores, tem um grande apreço por decorar a residência, todos os ambientes recebem algum tipo de ornamentação, o que reafirma o que Holanda dizia, em relação a necessidade das pessoas em usar artefatos para deixar seu ambiente belo. Observando a casa, nota-se com clareza o uso de móveis e objetos antigos, durante a conversa, percebeu-se o apego dos moradores, com os objetos ali expostos, sendo que conseguiram explicar a escolha de cada elemento decorativo, e de cada móvel. Assim, a residência reflete muito da personalidade dos moradores. Da mesma maneira que haviam elementos decorativos que remetem aos antepassados, foi possível encontrar objetos que eram presentes recebidos de amigos, ou mesmo, diversas fotos da família espalhadas pela casa. Assim, ora os elementos decorativos remetem a uma enorme bagagem de experiências, ora trazem um turbilhão de sentimentos. Ao questionar os moradores sobre quem escolhe os móveis, e elementos decorativos, a esposa relatou estar sempre buscando referências para decoração da casa, porém a decisão nunca é feita sozinha, ainda disse, que em alguns momentos surgem conflitos de ideias, principalmente, pela diferença etária dos moradores. Frederico de Holanda, em seu texto “Notas Sobre a Dimensão

¹ Emanuelle Becker Basso. Discente de Graduação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: emanuelle.basso@sou.unijui.edu.br.

² Maria Regina Johann. Docente de Graduação da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: maria.johann@unijui.edu.br

Estética da Arquitetura” (s/d, p. 81), afirma que, nossa emoção estética tem três origens possíveis: na predisposição do nosso aparelho perceptivo, nos valores culturais dentro dos quais se deu nossa socialização e na nossa personalidade individual. Por isso, nosso gosto pode mudar quando revelamos essas origens no nível do consciente. Conclui-se que os processos estéticos são individuais e, portanto, se desenvolvem na interação de cada indivíduo com o mundo, baseando-se na cultura, e nas vivências de cada um, sendo assim, o gosto pode, em certa medida, ser educado pela dimensão do sensível e do repertório artístico e cultural.

Palavras-chave: Arquitetura e estética; Decoração e afeto; Tendência e cultura.